



## Os passos\*

Hadasa Cytrynowicz\*\*

Os passos fortes e ameaçadores, os passos das botas militares; os passos fortes, seguros, passos do meu pai.

Quantos passos eu já ouvira na minha vida? Sempre os escuto no escuro, e eles crescem, se aproximam, e eu quero acordar, quero acordar logo, para que possa fugir.

Sempre escuto ruídos, passos, choro, gritos, lamentos. Sempre tento relacioná-los.

Lembro-me bem dos passos militares, mesmo antes de lembrar-me dos passos do meu pai... e eu tinha quatro anos.

A cidade toda tremeu, Kansk tremeu. Marcharam botas sem fim, sem fim. Ainda os ouço. Marchavam pisando tudo sem piedade, amassando, ceifando, batendo. Marchavam sempre dentro de um ritmo perfeito, uma banda militar, tudo bem dentro de um ritmo, uma disciplina exemplar, ninguém ousou sair do ritmo, que coreografia magnífica!

Um par de botas veio bater na nossa porta. E nos éramos duas: mamãe e eu. Mamãe assustada, e eu mais ainda. Eram botas de cano alto, polidas, perfeitas botas negras, botas ariana, reluzentes.

- Há homens em casa? — *Nein*, respondeu mamãe.
- Você tem filhos homens? — *Nein*, respondeu mamãe.
- *Gut*. Não precisamos de homens judeus.

As botas se foram, elegantes, polidas, coordenadas num movimento extraordinário.

Naquela hora, mamãe deu graças ao seu Deus por não ter filhos homens. Sempre desejara ter um *kadisch*, um filho que rezasse após a sua morte. Os dois filhos homens que tivera não sobreviveram, um ainda na maternidade, o outro com poucos meses se foi.

\*\*\*



Noite de inverno. Noite de Ural. Uma escuridão sem fim me envolve, eu estou com medo. Mamãe trabalha longe na neve lá na floresta, papai também. Sempre espero a chegada do meu pai na casa da vizinha. Faço um esforço para ouvir passos de longe. O corredor é estreito e muito comprido. Fico esperando sentada, paralisada, quero ouvir os passos, os passos... e meu rosto se ilumina, ouço passos de longe, cada vez mais perto, mais perto, são passos do meu pai, sim do meu pai. Passos que trazem abraços, segurança. Corro para a porta, e ele aparece e me abraça. Me abandono devagar, relaxo... como dói o esperar.

-----

\* Este conto foi originalmente publicado na revista *Herança Judaica*, da B'nai B'rit, n. 55, dezembro 1983.

\*\* **Hadasa Cytrynowicz** é professora, tradutora e escritora.